

Da *Soqueira* à *Tocera*, do *Parol* à *Gamela* - Entre a Sincronia e a Diacronia: Um Estudo da Terminologia da Cana-de-açúcar

DE LA *SOQUEIRA* A LA *TOCERA*, DEL *PAROL* A LA *GAMELA* -
ENTRE LA SINCRONÍA Y LA DIACRONÍA:
UN ESTUDIO DE LA TERMINOLOGÍA DE LA CAÑA DE AZÚCAR

Conceição de Maria de Araujo **RAMOS***
José de Ribamar Mendes **BEZERRA****
Maria de Fátima Sopas **ROCHA*****

Resumo: Este trabalho se centra no estudo da terminologia concernente ao universo da cana-de-açúcar, levando em conta usos escrito e oral, e dois momentos e espaços diferentes. Tem como objetivo cotejar uma seleção de termos extraída da obra *Memoria sobre a cultura da cana de assucar*, de Joze Caetano Gomes, publicada em 1800, com os termos do *Glossário Eletrônico da Cana-de-Açúcar do Maranhão*, elaborado no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), em 2011. Esse cotejo possibilitará examinar, por um lado, a vigência de alguns dos termos registrados no trabalho de Gomes, considerando-se a presença destes no falar da zona rural maranhense e, por outro lado, a perda da força expressiva de outros, ou mesmo a mudança, a renovação.

* Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Alagoas (1999). Docente da Universidade Federal do Maranhão. Membro dos Projetos ALiB e ALiMA. Contato conciufma@gmail.com.

** Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Alagoas (2001). Docente da Universidade Federal do Maranhão. Membro dos Projetos ALiB e ALiMA. Contato comendesufma@gmail.com.

*** Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Docente da Universidade Federal do Maranhão. Membro dos Projetos ALiB e ALiMA. Contato fsopas@yahoo.com.br.

Palavras-Chave: Variação terminológica. Sincronia e diacronia. Cana-de-açúcar.

Resumen: Este trabajo se centra en el estudio de la terminología vinculada al universo da caña de açúcar, teniendo en cuenta usos escrito y oral, y dos momentos y espacios distintos. Tiene como objetivo cotejar una selección de términos obtenida a partir de la obra *Memoria sobre a cultura da cana de assucar*, de Joze Caetano Gomes, publicada en 1800, con términos del *Glossário Eletrônico da Cana-de-Açúcar do Maranhão*, elaborado en el marco del Proyecto Atlas Lingüístico do Maranhão (ALiMA), en 2011. Esa comparación posibilitará examinar, por un lado, la vigencia de algunos de los términos registrados en el trabajo de Gomes, considerando la presencia de estos en el habla de la zona rural del Estado de Maranhão, y, por otro lado, la pérdida de la fuerza expresiva de otros o incluso el cambio, la renovación.

Palabras Claves: Variación terminológica. Sincronía y diacronía. Caña de açúcar.

Introdução

Começamos nosso estudo com um tema consabido, porém, ainda assim, cremos conveniente enfocá-lo. É a ideia de que a língua, seja ela a língua corrente, seja a de especialidade, não constitui um todo homogêneo, a-histórico, desvinculado do social, pois no interior das comunidades convivem grupos diversos, com valores, objetivos, necessidades, motivações, ocupações, também diversos. Nessa perspectiva, a diversidade de natureza sociocultural, aliada a objetivos, interesses, motivações, se vê refletida na língua, manifestando-se sob a forma de variantes linguísticas (cf., por exemplo, ALPÍZAR CASTILLO, 1997; AUBERT, 1996).

Seguindo esta orientação, este trabalho busca estudar a variação e a mudança na terminologia concernente ao universo laboral da cana-de-açúcar, a partir de dois textos produzidos em circunstâncias diferentes.

O primeiro texto, *Memoria sobre a cultura da cana de assucar*, de Joze Caetano Gomes, é um estudo encomendado pela Mesa de Inspeção do Rio de Janeiro, por determinação de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente D. João. Joze Caetano Gomes é mencionado com tendo “vastos conhecimentos [...] sobre a factura do Assucar nos Engenhos do Rio de Janeiro”. O trabalho foi

apresentado em 16 de março de 1799 e publicado em Lisboa, no ano seguinte, por Fr. Joze Mariano Velloso.

O segundo texto, *Glossário Eletrônico da Cana-de-Açúcar do Maranhão*, foi elaborado no âmbito do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), em 2011, por Luís Henrique Serra, sob a orientação do professor José de Ribamar Mendes Bezerra, com financiamento pelo CNPq, por meio de uma bolsa de iniciação científica. O glossário, constituído por 78 entradas, foi elaborado a partir de dados coletados junto a micro e pequenos agricultores dos municípios de Central do Maranhão, Buriti, São João dos Patos, Pinheiro, Rosário, São Bento e Sucupira, no estado do Maranhão.

Os dados foram obtidos a partir da aplicação de um questionário semântico-lexical com 55 questões que compreendem os seguintes campos lexicais: plantação, colheita, instrumentos, beneficiamento e comercialização da cana-de-açúcar e dos produtos dela derivados.

Como podemos observar, os textos selecionados, produzidos em momentos e espaços diferentes, representam também circunstâncias de uso diversas, uma vez que o primeiro representa a linguagem do técnico, na forma escrita, e o segundo reproduz o discurso do plantador da cana-de-açúcar. Com esse *corpus*, nosso objetivo é identificar a vigência dos termos registrados no trabalho de Gomes, a presença destes termos no falar da zona rural maranhense ou a perda de sua força expressiva ou mesmo a mudança, a renovação.

1 Fato Consumado: no Maranhão, mais cachaça e menos açúcar

A cana-de-açúcar, tradicionalmente associada à produção do açúcar, no Maranhão, teve e tem, como produto preponderante, a cachaça. O primeiro engenho de açúcar data de 1622 e localizava-se às margens do rio Itapecuru (cf. VIVEIROS, 1954). Em 1641 já existiam cinco engenhos, que produziam por volta de 6.000 caixas de açúcar. Os engenhos eram primitivos, movidos por animais, configurando-se como o que se conhecia pelo nome de molinetes.

A partir de 1681, por iniciativa do Governo Português, a zona açucareira amplia-se, do Itapecuru em direção ao Vale do Mearim, a Pindaré e a Guimarães.

A taxaço dos tipos de açúcar, a madeira das caixas, a marcação a fogo, o processo de fiscalização do peso e da qualidade do açúcar eram

definidos por carta do Rei, sempre buscando incentivar o fabrico e a exportação. No entanto, “Vinha de longe a preferência do fabrico da cachaça em detrimento do açúcar” (VIVEIROS, 1954, p. 35).

Muitas medidas foram tomadas para aumentar o volume da oferta do açúcar, desde a isenção, por seis anos, da execução por dívidas à proibição da fabricação de doces e de exportação de açúcar. Entretanto, essas medidas não foram suficientes e o Governo Português teve que intervir

[...] proibindo o funcionamento de molinetes no Maranhão, quando destinados à fabricação de aguardente, e impondo aos transgressores duras penalidades: perda da safra na primeira vez, a mesma pena acrescida de quatro meses de prisão na segunda, e na terceira, a entrega ao Governo do próprio molinete. (VIVEIROS, 1954, p. 35)

As leis proibitivas não tiveram efeito e o Governo da Metrópole passou então a taxar a produção de aguardente. Segundo Viveiros (1954, p. 36):

Em 1721, foi a aguardente taxada em 200 réis o quartilho. Era, para o tempo, uma tributação escorchante. Nem assim, porém, foi a sua fabricação substituída pela do açúcar. Aceitaram-na, então, os dirigentes do Reino como um fato consumado e procuraram tirar do seu fabrico maior proveito, criando, em 1754, contratos para sua venda, pelos quais, nos primeiros anos, a Câmara de São Luís percebia 155\$000 de propinas.

Atualmente, o Maranhão produz mais de um milhão de toneladas, segundo dados do Ministério da Agricultura referentes a 2010. A produção do Estado é quase totalmente mantida pelo micro e pequeno agricultor e mantém-se a tendência de produção preferencial de cachaça, rapadura e mel (cf. SERRA, 2011). Os molinetes foram substituídos por engenhos, raramente mecanizados, o que também se verifica na plantação, em que predomina a chamada “roça de toco”, denominação dada à plantação não mecanizada. Serra (2011, p. 23) evidencia, ainda, no Maranhão, “[...] a continuação do sistema de engenho central [...] em que os pequenos agricultores têm que dividir metade da sua produção com grandes engenhos em troca da moagem da cana, o que mostra o atraso de nossa produção”.

Em razão das peculiaridades do aproveitamento da cana no Estado,

este trabalho enfoca principalmente os termos referentes à produção de cachaça.

2 A Terminologia da Cana-de-Açúcar: a variação no tempo e no espaço

A observação do uso real do termo, isto é, sua observação nos diferentes contextos – social, situacional, espacial – e estratos discursivos, levou ao entendimento da terminologia como uma ciência voltada para o social. Neste contexto e para dar conta de responder às necessidades sociais de seus usuários, a terminologia deve trabalhar com uma concepção de língua que considere o caráter heterogêneo, variável e histórico-social desta.

Entendida como um fenômeno variável e, portanto, suscetível a mudanças, a língua encontra, no léxico, sua componente mais ligada à realidade extralinguística, o nível mais aberto às mudanças e renovações, exatamente porque, como evidenciam Gonçalves e Nascimento (1994, p. 123), “é através dos itens lexicais que denominamos as coisas e os conceitos que o homem cada dia constrói e reconstrói”.

Neste contexto e para facilitar o cotejo entre os termos levantados a partir dos dois textos selecionados, optamos por organizá-los em campos lexicais, entendidos como estruturas paradigmáticas formadas por unidades lexicais distribuídas em uma zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas em relação às outras, segundo os concebe Coseriu (1991, p. 170).

O universo terminológico da cana-de-açúcar compreende vários campos lexicais, quais sejam: instrumentos e utensílios, pesos e medidas, plantação, colheita, beneficiamento e comercialização da cana-de-açúcar, produtos, profissionais. Deste universo selecionamos para este trabalho quatro campos lexicais – pesos e medidas, instrumentos e utensílios, plantação e partes da cana, e profissionais – que se encontram organizados em quadros apresentados a seguir. Vale ressaltar que optamos por manter a grafia dos termos conforme foram registradas nas obras pesquisadas.

O Quadro 1, concernente a pesos e medidas, é o que apresentou o menor número de termos com registro no discurso atual do plantador de cana-de-açúcar no Maranhão. Todas as medidas de comprimento usadas na *Memoria* estão registradas em dicionários da língua portuguesa (cf., por exemplo, HOUAISS; VILLAR, 2001, e FERREIRA, 1999) com a marca de uso *antiga*. Dentre elas, *braça* e *polegada*, segundo os dicionários citados, encontram-se

ainda em uso no Brasil, e *braça*, de fato, foi registrada no *Glossário*, correspondendo ao mesmo conceito. Em se tratando, de *linha*, observamos que houve um movimento na relação termo-conceito, com deslocamento da característica básica conceitual entre os séculos XVIII/XIX e o século XXI, bem como entre os espaços geográficos – Rio de Janeiro e Maranhão. Segundo Houaiss e Villar (2001, p. 1764), linha é definida como “[...] antiga medida de comprimento equivalente ao duodécimo de uma polegada”; no *Glossário*, por sua vez, é registrada como “medida de comprimento equivalente a 25m². *Lambicada*, medida de volume registrada no Glossário e não-dicionarizada, equivalente a 25 litros de cachaça, é um exemplo da renovação lexical, possivelmente formada a partir da variante *lambique* < alambique, documentada no Estado.

Quadro 1 – Pesos e Medidas

MEMÓRIA SOBRE A CULTURA E PRODUCTOS DA CANA DE ASSUCAR	GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA CANA-DE-AÇÚCAR
Arroba	
Braça	Braça
Libra	
Linha	Linha ~ fila ~ carreira
Palmo	
Pé	
Polegada	
	Lambicada

O campo dos instrumentos e utensílios, exemplificado no Quadro 2, a seguir, apresentou um número significativo de termos nas duas obras pesquisadas. Nesse campo, observamos variantes terminológicas de natureza: (i) fonológica, a exemplo de *alambique* / *lambique*; *espumadeira* / *escumadeira*; *serpentina* / *serepentina*; (ii) lexical, como em *carro* / *carro de boi*, em que o apagamento do sintagma preposicional da estrutura não afetou o significado nem a compreensão, porque a base preservou o conceito inerente ao termo no contexto em que este se encontra inserido; e (iii) geográfica, como em *calha* / *bica*, *capello* / *carapuça*, *parol* / *gamela*, *balsa* / *cuia*, para citar alguns exemplos.

Na *Memoria*, ainda encontramos os termos *rominhol*, *pomba*, *batedeira*, *cochinha* e sua variante gráfica *coxinha*, *repartideira* e *bangué* que não foram incluídos no quadro em análise, em função do recorte que fizemos. Estes termos estão diretamente relacionados com o fabrico do açúcar, e não com o da cachaça.

Quadro 2 – Instrumentos e utensílios

MEMÓRIA SOBRE A CULTURA E PRODUCTOS DA CANA DE ASSUCAR	GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA CANA-DE-AÇÚCAR
Alambique	Alambique ~ lambique
Calha	Bica
Caldeira ~ cucurbita	Caldeira
Tromba de elefante	
	Cambito
	Cangalha
Capello	Carapuça
Carro	Carro de boi ~ carroça puxada a boi
	Coador
Dorna	Dorna ~ tambor
Engenho	Engenho
	Engenhoca
Espumadeira	Escumadeira
Forma	Forma de rapadura
Fornalha	Forno ~ assentamento ~ tacho
Parol	Gamela ~ vasilha
Balsa	Cuia
Pipa ~ tonel	Tanque
Tina	Tanque
Moenda	Moenda ~ rodas do engenho
	Palhetinha ~ pá ~ palheta
Dentadura	Rodeira ~ polia
Serpentina	Serpentina ~ serepentina
Tacha	Tacho
	Tanque

O campo lexical *plantação e partes da cana*, sintetizado no Quadro 3, apresentou, em relação aos outros campos, um número maior de formas variantes, seja entre as duas obras, seja no interior de uma mesma obra. Aqui, também foram registradas variantes de natureza: (i) gráfica, como em *sócca/sóca / soca*; (ii) fonológica, a exemplo de *canaveal / canavial, aceiro / acero*; (iii) lexical, como em *olho / olho da cana, bandeira / bandeira da cana*; (iv) morfológica, como em *olho / olhadura*; e (v) socioprofissional, como no caso, por exemplo, de *collo / toco da cana*.

Neste campo, vale destacar a presença do item *fez(es)*, como variante de *resíduo, borra* da cana-de-açúcar. A variante em causa, que nos parece não ser de uso atual, no sentido empregado na obra de Gomes, não foi registrada em qualquer das localidades maranhenses investigadas e assim vai sendo substituída por uma variante mais popular.

Quadro 3 – Plantação e partes da cana

MEMÓRIA SOBRE A CULTURA E PRODUCTOS DA CANA DE ASSUCAR	GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA CANA-DE-AÇÚCAR
Articulação ~ nó	Nó
Botão ~ olho	Olho ~ olhadura ~ olho da cana ~ semente ~ canudo ~ gonzozinho
Gomo	Rolete
Collo	Toco da cana
Estaca	
Partido	
Cova ~ rego	Cova ~ buraco
Sócca	Soca
Ressócca	
Soqueira	Toucera
Aceiro	Acero
Divisão	Divisão
Canaveal	Canavial ~ plantação de cana
Filho	Filho
Bandeira ~ olho	Bandeira da cana ~ palha
Fez ~ bagaço	Bagaço ~ resto da cana

MEMÓRIA SOBRE A CULTURA E PRODUCTOS DA CANA DE ASSUCAR	GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA CANA-DE-AÇÚCAR
Capina ~ limpa	Batiação
	Corte ~ corte da cana
	Despalhação
Plantação sem alinhamento	Pé de galinha ~ pé de caldeirão ~ salteado
Rego	Vala
	Roça de toco

No campo das profissões, ou melhor, das ocupações, apresentado no Quadro 4, a seguir, a variação / diversidade de formas entre as duas obras analisadas foi total, não tendo sido registradas denominações comuns.

Quadro 4 – Profissionais

MEMÓRIA SOBRE A CULTURA E PRODUCTOS DA CANA DE ASSUCAR	GLOSSÁRIO ELETRÔNICO DA CANA-DE-AÇÚCAR
	Bagaceiro
Feitor	Capataz
	Carreiro
Fornalheiro	Foguista
Caldeireiro	
Mestre aguardenteiro	Lambiqueiro

Conclusão

Neste estudo, que se sustenta no pressuposto defendido por Cabré (1998) de que todo processo de comunicação comporta variação e que esta se reflete em formas alternativas de denominação do mesmo significado ou em possibilidades significativas de uma mesma forma, constatamos a presença de variação terminológica entre as duas obras pesquisadas e também no interior de uma mesma obra. Pudemos observar a variação terminológica

tanto no eixo vertical, da estratificação social da língua – temos, de um lado, o texto escrito e técnico, e, de outro, o discurso oral de pequenos plantadores de cana – quanto no eixo horizontal, da distribuição espacial da língua – Rio de Janeiro *versus* Maranhão – quanto no eixo temporal – séculos XVIII/XIX e século XXI. Em se tratando do Glossário, construído com base no discurso oral e não-técnico, observamos um maior número de variações de formas variantes, como esperado, tendo em vista a própria natureza dos textos-base. É interessante observar que, muitas vezes, essa variação se dá no discurso de um mesmo falante.

O objetivo deste trabalho ainda não está de todo concluído, pois é necessário dar continuidade à pesquisa e examinar mais localidades onde a cana-de-açúcar é plantada e seus produtos são fabricados e consumidos. É preciso buscar, na memória da língua e do povo que a fala, o percurso de palavras/termos muito antigos como *parol*, *rominhol*, ou então como *bangué*, exemplo da contribuição africana à língua que cruzou mares e conquistou muitos mundos e neles se (re)fez. Como magnificamente nos lembra o poeta Pablo Neruda, em sua obra *Confieso que he vivido*, ao falar sobre a língua que os povos colonizados herdaram do colonizador, é preciso lembrar que, nessa relação, “Salimos perdiendo... Salimos ganando... Se llevaron el oro y nos dejaron el oro... Se lo llevaron todo y nos dejaron todo... Nos dejaron las palabras.” (NERUDA, 1998, p. 72).

Esperamos, pois, com este estudo, contribuir para um maior conhecimento do patrimônio linguístico dos falantes do português.

Referências

ALPÍZAR CASTILLO, R. *¿Cómo hacer un diccionario científico-técnico?* Buenos Aires: Memphis, 1997.

AUBERT, F. H. Língua como estrutura e como fato histórico-social: consequências para a terminologia. *Cadernos de Terminologia*, São Paulo, n. 1, p. 11-15, 1996.

CABRÉ, M. T. Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo. *El Lenguaraz*. Revista Académica del Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 59-78, 1998.

- COSERIU, E. *Princípios de semântica estrutural*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GOMES, J. C. *Memoria sobre a cultura, e produtos da cana de assucar*. Lisboa: Officina da Casa Litteraria do Arco do Cego, 1800.
- GONÇALVES, J. B.; NASCIMENTO, M. F. B. do. Variação lexical no tempo e no espaço: três momentos de um “inquérito de disponibilidade”. In: ENCONTRO REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 1993, Miranda do Douro. *Actas do Encontro...* Miranda do Douro: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 1994. p. 119-145.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- NERUDA, P. *Confieso que he vivido*. Barcelona: Plaza & Janés, 1998.
- SERRA, L. H. *Um glossário da cana-de-açúcar do Maranhão*. 2011. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2011.
- VIVEIROS, J. de. *História comercial do Maranhão: 1612 – 1895*. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1954. v. 1.